

Bolsonaro pediu para forjar fraude em urna e ofereceu indulto, acusa hacker



Sessão agitada. Walter Delgatti Netto em depoimento na CPI do 8 de Janeiro. O hacker disse que ex-presidente lhe pediu para forjar ataques às urnas e que assumisse autoria de grampo a Moraes

SABOTAGEM ELEITORAL Depoimento de hacker a CPI envolve Bolsonaro e militares em trama golpista

FOLHA DE SIERRA E CAMILLA TURTELLO

Em depoimento à CPI dos Ataques Golpistas, o hacker Walter Delgatti Netto acusou ontem Jair Bolsonaro de orquestrar uma série de ações criminosas contra instituições e ainda implicou integrantes do Exército em uma trama para sabotar o processo eleitoral brasileiro. Após ser inquirido em sessão comandada por repercussão política, o hacker depois hoje na Polícia Federal, que identificou contradições em suas declarações e o intimou novamente.

Segundo Delgatti, que não apresentou provas do que disse à CPI, o ex-presidente lhe deu orientações para manipular as urnas eletrônicas e pediu para que assumisse a autoria de um suposto grampo realizado contra o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

Delgatti afirmou que Bolsonaro teria ordenado que o Ministério da Defesa o recebesse para discutir meios de forjar um ataque às urnas. O hacker, que ficou conhecido por revelar contas de procuradores da Lava Jato em 2019 e vazar as mensagens, criaria o que se chama de "código malicioso", semelhante ao código-fonte do Tribunal Superior Eleitoral e, numa urna emprestada, faria uma demonstração em pleno 7 de setembro, um mês antes das eleições do ano passado, para mostrar a fragilidade do sistema.

Ontem, Bolsonaro admitiu que encaminhou Delgatti ao Ministério da Defesa, mas negou o cometimento de quaisquer crimes e anunciou que o procuraria por calúnia e difamação. Já o Exército informou que não se manifestaria.

AS PRINCIPAIS ACUSAÇÕES

MANIPULAÇÃO DO CÓDIGO-FONTE DA URNA ELETRÔNICA

Em reunião em 9 de agosto do ano passado, com integrantes da campanha de Bolsonaro, o marqueteiro do PL, Duda Lima, teria pedido que Delgatti fizesse uma versão adulterada do código-fonte das urnas. A ideia, diz o hacker, era fazer uma demonstração pública no 7 de Setembro, com uma

uma empreitada do TSE "provisório" que era possível falar e sistema ao apertar um número e aparecer outro na tela. Participaram desse encontro, entre outros, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e a deputada Carla Zambelli (PL-SP). Bolsonaro teria entossado a ideia no dia

Delgatti afirmou que em setembro de 2022, no segundo contato que teve com Bolsonaro, via WhatsApp, intermediado por Zambelli, de um restaurante de São Paulo, o então presidente pediu que ele assumisse a autoria de um grampo que teria sido plantado contra o ministro do STF Alexandre de Moraes. Bolsonaro teria dito que o grampo foi feito por agentes de outro país, mas o hacker não sabe se a escuta clandestina aconteceu. Em nota, Zambelli afirmou que o hacker apresenta "verdades que mudam com os dias". Fábio Wassef, advogado de Bolsonaro, publicou nas redes que "jamais houve grampo (...) contra qualquer este político do Brasil por parte do entorno próximo do Presidente".

GARANTIA DE INDULTO

Na reunião que teve em 10 de agosto com Bolsonaro, Delgatti disse que o então presidente lhe prometeu um indulto caso ele tivesse problemas com a Justiça. Durante o telefonema no mês seguinte, teria assegurado: "Se alguém te prender, eu mando prender o juiz".

ORIENTAÇÕES AO MINISTÉRIO DA DEFESA

Representantes das Forças Armadas integravam a comissão de fiscalização eleitoral do TSE, destinada a checar a segurança do sistema, e a ideia era que Delgatti "explícasse aos técnicos" o que ambos haviam conversado sobre manipulação das urnas e orientar na confecção do

relatório que seria entregue ao TSE sobre segurança do processo eleitoral. No primeiro encontro, o hacker teria sido levado ao ministério por Marcelo Camara, assessor de Bolsonaro. O ex-presidente afirmou que só esteve com Delgatti uma vez, que nunca falou com ele por telefone e negou que o hacker tenha ido cinco vezes ao Ministério da Defesa.

RELATÓRIOS FRAUDULENTOS

Um novo personagem foi levado para a trama golpista por Delgatti: o coronel Marcelo Jesus. Ele, diz o hacker, criou no Alto Comando do Exército, além de fazer pedidos para que Delgatti adulterasse relatórios fraudulentos sobre o processo eleitoral, como um feito por um agente e apresentado em uma fileira por Bolsonaro. O Exército não vai se manifestar.

INVASÃO AO SISTEMA DO CNU

Em seu depoimento, Delgatti disse que Zambelli pediu que ele invadisse sistemas internos do Judiciário a fim de mostrar sua vulnerabilidade. A deputada teria atribuído a solicitação ao ex-presidente. O hacker então manteve acesso à rede do Conselho Nacional de Justiça durante quatro meses e conseguiu inserir um mandato falso de prisão contra Moraes. À época, ele recebeu pagamentos de Zambelli que totalizaram R\$ 40 mil.

GAROTO-PROPAGANDA DA CAMPANHA

Delgatti afirmou que no encontro de 9 de agosto com Duda Lima e Valdemar, o marqueteiro sugeriu que ele participasse de entrevista com a esqueteira — grupo com o qual ele teria suposto prestígio após ter invadido celulares de integrantes da Lava Jato — nas quais levantaria dúvidas sobre as urnas.

sair outro. (...) Eles queriam que eu fizesse um código-fonte meu, não o oficial do TSE, e inserisse essas linhas que eles chamam de código malicioso, porque ele tem como finalidade enganar, colocar dúvidas na eleição — afirmou Delgatti. No caso da suposta escuta clandestina contra o ministro do STF, Bolsonaro teria dito que a operação ocorreu por agentes estrangeiros. Delgatti afirmou à CPI que a solicitação para que ele assumisse a autoria do grampo foi feita um mês depois, num segundo contato, via telefone e intermediado pela deputada Carla Zambelli (PL-SP). O ex-presidente teria reforçado a promessa de indulto. — E ele ainda disse assim, "olha, se caso alguém te prender, eu mando prender o juiz". Ele usou essa frase — disse Delgatti à comissão, referindo-se a Bolsonaro. O hacker disse que não sabe se o grampo de fato aconteceu: — Não sei se é verdade (...), porque eu não tive acesso a ele. Em entrevista ontem à Jovem Pan, Bolsonaro reagiu: "Ele (Delgatti) está inspiado hoje. Tem reunião (no Alvorada) e eu mandei para o Ministério da Defesa para conversar com os técnicos. Ele esteve lá (no Alvorada na Defesa) e morreu o assunto. O hacker afirmou ter ido cinco vezes ao Ministério da Defesa, inclusive conversando com o então ministro da pasta, general Paulo Sérgio Nogueira. O objetivo, segundo Delgatti, era também discutir aspectos técnicos das urnas eletrônicas e de seu código-fonte. Naquela ocasião, representantes das Forças Armadas participavam da comissão de fiscalização eleitoral do TSE, destinada a averiguar a segurança do processo eleitoral. CELULARES APREENHIDOS Delgatti disse à CPI que praticamente tudo o que estava escrito no relatório entregue pelas Forças Armadas ao TSE sobre a segurança das urnas foi com base nas suas informações: — Tudo que expliquei a eles consta no relatório. Eu posso dizer que aquele relatório, de forma integral, foi exatamente o que eu disse. Eu apenas não digitei, mas eu que fiz, porque tudo o que consta nele foi indicado por mim. Durante a sessão, Delgatti também mencionou integrantes do Exército que teriam pedido para que ele autentificasse de forma ilegal dados de relatórios fraudulentos sobre o processo eleitoral, que colocavam em xeque a segurança das urnas. Em outra investigação que pode implicar Bolsonaro, o advogado Frederick Wassef teve quatro celulares apreendidos durante a operação da PF diagonal foi alvo na noite de quarta-feira, segundo informou o portal gl. Wassef admitiu ter recomprado o relógio Rolex vendido ilegalmente nos Estados Unidos pelo ex-ajudante do ordeno do ex-presidente, Mauro Cid. Apesar de compor um conjunto de joias dada ao governo brasileiro pelo regime da Arábia Saudita, Wassef, conforme informou a jornalista Bela Megale, costumava dizer que usava um dos aparelhos para conversas sigilosas com a família Bolsonaro.



O depoimento do hacker deve servir de combustível para o plano da base do governo Lula de convocar o próprio Bolsonaro à CPI. Segundo Delgatti, a trama acerca da urna foi discutida em 9 de agosto com integrantes da campanha de Bolsonaro, incluindo o marqueteiro do PL, Duda Lima, e o presidente do partido, Valdemar Costa Neto, que negaram envolvimento. Apenas no dia seguinte, em reunião no Palácio da Alvorada, Bolsonaro chanceou a ideia e teria encaminhado Delgatti à Defesa para debater questões técnicas. Na ocasião, o então presidente, disse

o hacker, teria lhe prometido um indulto, caso ele tivesse problemas com a Justiça. — No dia 7 de setembro (de 2022), (a ideia era) eles pegarem uma urna, emprestada da OAB (Ordem dos Advogados Brasil), eu acredito, para que eu colocasse um aplicativo meu lá e mostrasse à população que é possível apertar um voto e

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Política na Web Pagina: 4